

O homem Tancredo, filho de d. Sinhá

Ele foi o líder de mais de quatro mil municípios do País. Em torno dele, 130 milhares de brasileiros uniram-se numa corrente de solidariedade. O político Tancredo de Almeida Neves todos conhecem. O homem Tancredo de Almeida Neves foi quase um desconhecido — revelado raras vezes nas inconfidências de velhos amigos que, com ele, jogaram futebol nas ruas de São João Del Rey ou disputaram o direito de tocar os sinos das igrejas da cidade.

O articulador hábil, "capaz de enxergar no escuro", como definiam amigos e adversários políticos, pouco tinha a ver com o menino que tocava flauta na Orquestra Ribeiro Bastos — a mesma flauta que sua mãe, dona Sinhá, colou com cera depois de uma queda, tornando-a irremediavelmente desafinada. O político de conversa persuasiva e amena talvez tivesse a ver com o estudante Tancredo, que nunca ficou entre os primeiros da classe, mas era sempre o primeiro a discursar.

"Bonitinho e elegante", na definição das moças de então, o jovem Tancredo viveu com facilidade o papel de galã de teatro amador. Em três apresentações no teatro de São João Del Rey, foi galã da peça "Levada da Breca", comédia de Abadia Faria Rosa, onde exerceu sua oratória fácil, improvisando textos que levavam ao desespero o "ensaiador" Lauro Novaes.

Ironico, bem-humorado, o político Tancredo Neves não esqueceu seu passado de garoto jogador de futebol. Meia-esquerda do Esparta de São João del Rey, enfrentava, na extrema-direita do Olímpico de Barbacena, o futuro deputado José Bonifácio, líder do governo Geisel na Câmara. "O Zézinho" — brincava o político Tancredo — "está na extrema-direita até hoje".

Muito católico, o menino Tancredo, que nasceu num casarão de 12 janelas no atual Núcleo Histórico de São João del Rey, foi coroinha. No ano passado, como a mostrar que sua fé jamais se abalou, exibiu, orgulhoso, mais de 20 imagens de São Francisco, seu padroeiro. Essas imagens, ele as conservava na capela da fazenda da família, em Cláudio, construída sob um pé de gameleira.

Amigos e companheiros confirmam: jamais viram Tancredo Neves exaltado, sujeito a explosões temperamentais. Tranquilidade nunca lhe faltou. Muito antes de seu nome virar o verbo "tancredar", já era um adju-tivo. Dizer em Minas que "fulano é um Tancredo" significa que ele é um tranquilo, um moderado.

De fala fácil e vocabulário extenso, Tancredo Neves ganhou seu primeiro apelido aos 23 anos. Estava começando sua carreira política como candidato a vereador do distrito de Riacho das Mortes, em São João del Rey. "Patativa do Riacho das Mortes", repetiam os eleitores, entusiasmados com a oratória fácil do jovem candidato.

No álbum de família, uma legenda define o estilo Tancredo Neves: "Tancredo é vagaroso. Não tem pressa em chegar. Mas no chão em que ele pisa, sabe sempre o que arrancar". Leitor de Dante, Virgílio, Homero, Cervantes, Shakespeare, Voltaire e Montesquieu, o homem Tancredo sempre exibiu uma vitalidade de fazer inveja aos mais jovens. Andar a cavalo, correr pela calçada em cooper, frequentar a vida noturna? Jamais.

O segredo de sua vitalidade era outro, garantiam alguns. Banho frio todos os dias pela manhã e muita água de coco, servida, diariamente, por dona Antônia, sua secretária desde 1970. "Não há nenhum tratamento ou qualquer tipo de crença em torno desse costume — explicavam seus assessores. O fato é que ele não toma água. Daí, o estoque de água de coco, nunca recusada."

Tancredo não fumava e bebia moderadamente vinho, uísque e

Campari. Mas era o que se costuma chamar de ótimo garfo, apreciador declarado de comida mineira: tutu de feijão, torresmo, angu, rabada, feijão branco com carne de porco, entre outros quitutes. No ano passado, depois de um dia particularmente cansativo, improvisou, em São Paulo, um show de energia física.

Passava de meia-noite e ele tinha encerrado uma entrevista à TV Bandeirantes. "Doutor Tancredo — adiantou-se Mauro Salles —, a canja está nos esperando no hotel". A reação de Tancredo veio rápida: reuniu um grupo de amigos e fechou a churrascaria Rodeio "para comer picanha", permanecendo ali até as três horas da madrugada. Em outra ocasião, na campanha eleitoral de 1982, passava de duas horas da manhã quando Tancredo convidou os políticos reunidos em Ituiutaba: "Como é, vamos comer?" Foram todos a um restaurante e, até as cinco da manhã, Tancredo comeu e tomou seu chopp.

Mas o homem Tancredo Neves tinha outras preferências: jogar birla e ver novelas pela televisão. E, embora tenha reagido ao convite de Mauro Salles para tomar uma canja, gostava de sopa. Casado há 46 anos com Risolte Tolentino Guimarães, a primeira namorada, era conhecido em Cláudio, mesmo depois de iniciado na política, como "o genro de dona Quita". Nunca tirou a aliança e não ajudava a mulher em tarefas domésticas.

Afetuoso, tinha uma forma especial de falar com as pessoas de quem gostava: tocava nelas, apertando o braço ou as mãos e tinha mania de

O BRASIL SEM TANCREDO



chamar os outros de "filho" e "filha". Irritado, dobrava a gravata e mordiscava sua ponta. Sinal evidente de que a conversa não estava agradando. Tinha o hábito histórico de ouvir (sentado, tinha um jeito típico de bater os joelhos), mas ouvindo não queria significar que estivesse concordando. Tancredo só fazia o que queria.

Quis ser militar — pelo menos é o que afirmam os amigos mais íntimos. Evitava passar debaixo de escada e levava sempre no peito, escondido dentro da camisa, um crucifixo que ganhou do papa João XXIII. Isso foi em 1962, quando representou o governo brasileiro nas comemorações dos 80 anos do papa. Com este talismã, parecia não ter medo de nada. E até se valia dele quando, em ocasiões mais difíceis, levava a mão ao peito e segurava a cruz.

Inconformado, procurou o então ministro da Guerra para uma entrevista, sem obter êxito. Para quem desejava ser oficial da Marinha, restou apenas o consolo de, na antiga Capital Federal, ter experimentado pela primeira vez "sorvete colorido com biscoitos". A sobrinha Lucília de Almeida Neves, que escreveu um livro sobre sua vida política e privada, admitiu recentemente, com um sorriso "irônico e maroto": "Hoje eu poderia ser um almirante".

Quis ser engenheiro e, em 1929, o curso preparatório da célebre Escola de Minas de Ouro Preto. Mudou-se para Belo Horizonte onde primeiro tentou entrar para a Faculdade de Medicina, sem êxito. Só então

foi estudar Direito na antiga Universidade de Minas Gerais — UMG. Formado, um de seus primeiros trabalhos foi vender a casa onde nasceu.

Tinha seis irmãos — o administrador Otávio, o engenheiro Antônio, o corretor de imóveis Jorge, a superintendente das Vicentinas no Rio de Janeiro, irmã Ester, Mariana e Zininha. Tancredo era pouco mais que adolescente e tinha ainda outros cinco irmãos quando seu pai, o comerciante atacadista e político Francisco de Paula Neves, morreu. Dona Sinhá, a mãe, teve de terminar sozinha a educação dos 12 filhos.

Sempre com a agenda cheia de compromissos variados e viagens, Tancredo gostava de dizer que seu exemplo para o jurista Sobral Pinto. Uma noite, em Belo Horizonte, ambos se encontraram: Tancredo chegava para uma festa, por volta de meia-noite, enquanto Sobral saía. O então governador perguntou ao jurista se ele já estava indo dormir e ouviu a resposta: "Não, não. Estou indo tomar um banho e trocar de roupa para ir a outra festa".

Tancredo Neves não era um escravo da moda, mas não dispensava certo cuidado com a aparência. Quem se ocupava dos detalhes e comprava sua roupa era dona Risolte. Durante muitos anos, um velho amigo fez seus ternos. Com a morte deste, passou a se vestir no Rio. Suas preferências: sapatos pretos (número 39), abotoaduras e, sempre, paletó de dois botões. Em casa, gostava mesmo é de usar pijama.

Seresteiro convicto, dizem até que cantava muito bem. Gostava de música erudita, herança da educação que recebeu — a mãe tocava bem piano e em sua casa de doze janelas só entravam discos clássicos. Não se cansava nunca, insistindo em que idade não é defeito. Ficou famosa sua comparação: "A Inglaterra, no auge da Segunda Guerra Mundial, foi conduzida com sabedoria pelo ancião Churchill. Roma antiga, no entanto foi incendiada pela estupidez do jovem Nero".

Nos inúmeros jantares que freqüentava, aplicava uma receita que dizia ter aprendido com Benedito Valadares: segurava o copo na mão para dar a impressão de que apreciava drinques socialmente, mas pouco bebia. Nestes jantares, descontraído, tinha expressões afetuosas para os convidados, contava anedotas e costumava referir-se ao ex-presidente do Senado como Moacyr "Dallas", do seriado da TV. Caso chegasse a um jantar depois das 22 horas era sinal de que mantivera algum encontro importante e sigiloso.

Era supersticioso — pelo menos é o que afirmam os amigos mais íntimos. Evitava passar debaixo de escada e levava sempre no peito, escondido dentro da camisa, um crucifixo que ganhou do papa João XXIII. Isso foi em 1962, quando representou o governo brasileiro nas comemorações dos 80 anos do papa. Com este talismã, parecia não ter medo de nada. E até se valia dele quando, em ocasiões mais difíceis, levava a mão ao peito e segurava a cruz.

Em 1937, recém-formado, o advogado Tancredo de Almeida Neves saiu de São João del Rey para ser padrinho de uma criança em Prados, cidade vizinha. Já no cartório, o juiz de paz mostrou-se irredutível, negando-se a registrar o menino, filho de brasileiros, com o nome de Roosevelt. O pai estava decidido: seria mesmo Roosevelt. Tancredo, padrinho, sugeriu ao compadre: "Por que não José Roosevelt?". E todos saíram para as comemorações do batizado.

Em dezembro do ano passado, conversando com jornalistas em sua fazenda de Cláudio, Tancredo Neves apontou para um grupo de palmeiras imperiais recentemente plantadas. "Estas demoram muito a crescer — expliquei. Não vou poder vê-las."



O jeito mineiro, calmo, afável e sempre bem-humorado

Tancredo sempre foi conhecido pelo seu excepcional bom humor. Mesmo nas situações confusas, difíceis, ele não perdia o jeito calmo. Ficava sério, tenso, mas jamais descambava para explosões de ira. Na maioria das vezes tinha sempre uma tirada com pitadas de ironia, uma espécie de autodefesa nos momentos de crise. Foi assim num sem-número de ocasiões — como, por exemplo, durante a campanha pela Presidência da República. No início da caminhada, numa entrevista coletiva, ao ser provocado pelos jornalistas, declarou: "não temer a fama de invencível de Paulo Maluf. E explicou, num misto de seriedade e brague: "Agora ele está enfrentando um profissional".

Bem antes — e o episódio retrata como poucos o perfil do homem Tancredo — foram perguntar-lhe se daria apoio ao general Hugo Abreu, ex-chefe da Casa Militar do governo Geisel. Abreu, dissidente, tentava lançar-se numa anticandidatura militar contra João Figueiredo, o escolido de Geisel.

"Mas ele não é um pára-quedista?" — perguntou. Diante da confirmação, emendou: "Pois se eu paro, olho e medito antes de descer um degrau, como é que vou apoiar um camarada que se joga lá do céu, sem avião nem asas?", respondeu, encerrando a conversa.

Dormir tranquilo'

Mais recentemente, durante as costumeiras entrevistas coletivas que passou a conceder após sua eleição pelo Colégio Eleitoral, Tancredo proporcionou momentos saborosos aos jornalistas e aos milhões de brasileiros que, à noite, viam sua performance no vídeo. Um repórter, em tom grave, perguntou a Tancredo se ele não temia problemas com a bancada mineira do seu partido, o PMDB, por culpa do encaminhamento que estava dando à formação do seu Ministério. O presidente eleito não resistiu e na frente das câmaras de TV e microfones deu uma sonora gargalhada. Em seguida falou: se era só isso a temer, a reação do PMDB mineiro, ele realmente não iria perder o sono naquela noite.

Da mesma forma, alguns dias depois, de manhã, uma repórter goiana usou o microfone da sala de entrevistas para formular sua pergunta. Fazia-lou bastante sobre o governador Iris Rezende e antes mesmo de perguntar o que queria avançou um comentário, dizendo que Resende não estava reivindicando cargos e tampouco pressionando Tancredo. O presidente cortou a frase, e informou num tom malicioso: "Acabou de falar comigo. Foi o primeiro telefonema que recebi hoje, e não eram ainda 7 da manhã".

O lado duro

Se sempre foi um político ponderado, tranquilo e sobretudo um bom ouvinte, Tancredo não desperdiçava — ou deixava passar — as situações que mereciam a crítica energética. Quando queria, era muito duro.

Uma dessas situações ocorreu em setembro de 1980 e seu alvo foi o recém-eleito presidente Figueiredo, que vetava projeto de lei que cancelava a suspensão dos direitos políticos e a cassação de Juscelino Kubitschek. Tancredo, então presidente do Partido Popular, desferiu um torpe golpe contra Figueiredo. "Agora está patenteada a natureza e o teor da mão estendida do presidente da República: leve, apressada e sófregue para os gestos irrelevantes das horas-fáceis, mas mão de ferro, fria, dura e implacável para os atos de justiça reparadora."

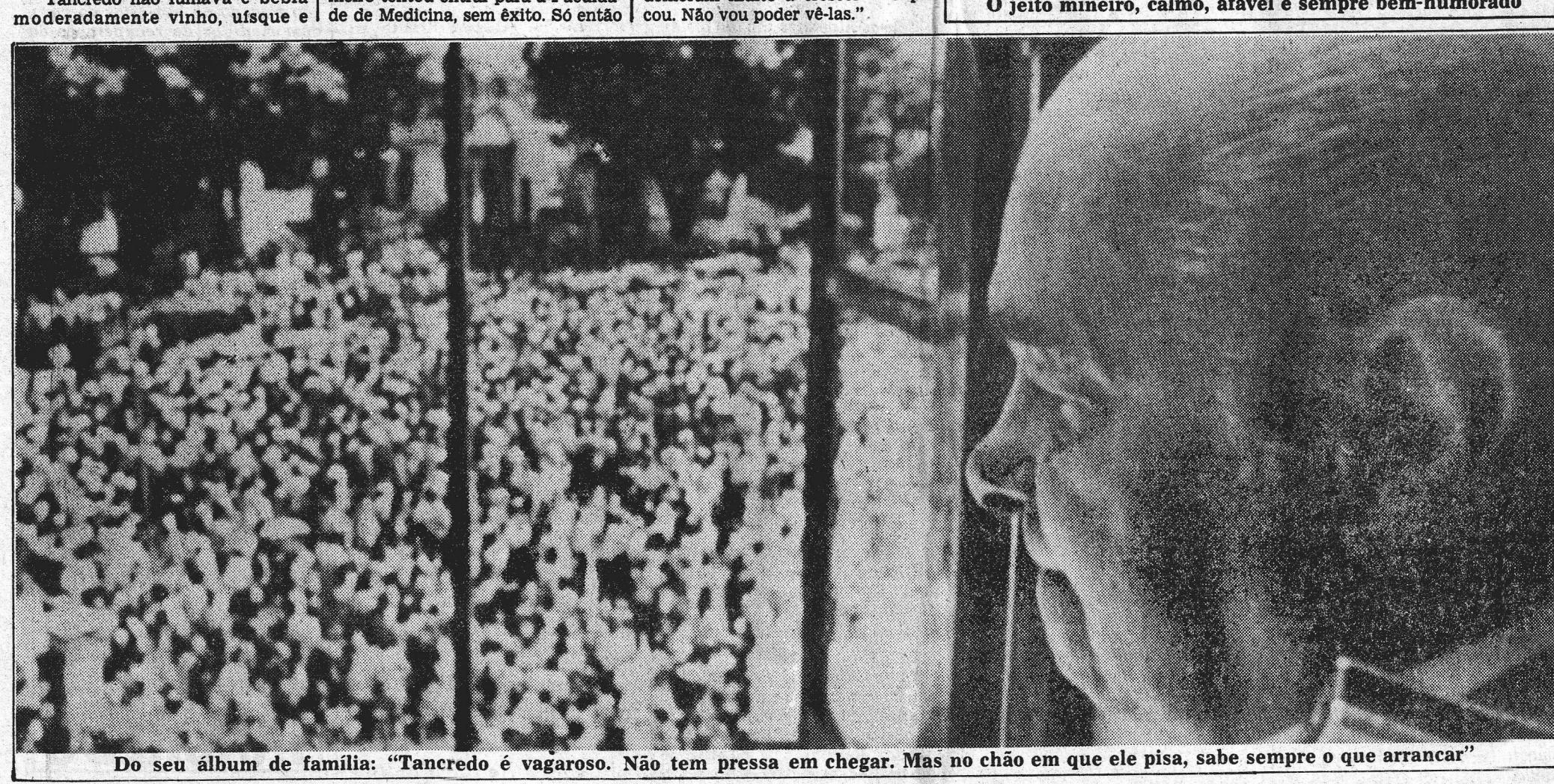
Tancredo, antes de tudo, parecia ter o dom de conhecer como ninguém a natureza humana, principalmente a alma dos políticos. Ele sempre teve sucesso porque nunca tapeou ninguém. Ouviu muito e só promete o que pode cumprir" — dizia o ex-ministro Armando Falcão após a vitória do ex-governador mineiro no colégio eleitoral. "Não é homem de compromissos fáceis, tem a firmeza da serenidade e é prudente."

O fim, no hospital

Com a imprensa teve sempre um excelente relacionamento — jamais deixava uma pergunta sem resposta. Tinha uma memória privilegiada e vasto vocabulário. Gostava de escrever e era ele mesmo quem redigia seus discursos. Foi um estudante pobre e teve de trabalhar para manter sua educação. Na época da Faculdade de Direito de Belo Horizonte, tornou-se repórter de polícia do jornal O Estado de Minas, passando depois a cobrir a parte política, a grande paixão de sua vida. Só não fez política estudantil porque não tinha tempo.

As últimas manifestações do homem Tancredo Neves ocorreram no Hospital de Base de Brasília e finalmente em São Paulo, no Instituto do Coração. Essa fase ficou marcada pela reação à orientação médica, no início de sua crise de saúde, exatamente na noite de quinta-feira, 14 de março. Queria tomar posse de qualquer jeito. "Ora, pode deixar. Darel a vocês um papel assumindo toda a responsabilidade" — afirmou aos médicos Renaul Mattos e Francisco Pinheiro da Rocha. Diante da firme resistência Tancredo murmurou apenas o famoso "hum-hum", recurso ao qual se socorria quando queria mudar de assunto.

Os demais e longos dias foram uma sequência de agonia, esperança e desalento a cada novo "pico" de infecção. Entre um momento e outro falava: "Como estou, estou bem?... Quero que a Nação saiba a verdade, o que realmente está acontecendo comigo... Só estou preocupado com o 1º de Maio, para ver o novo salário mínimo"... Agora, algumas de suas últimas frases: "Fazam comigo o que desejarem, se isso servir para minha recuperação... se precisar de mais três operações vamos fazer...".



Do seu álbum de família: "Tancredo é vagaroso. Não tem pressa em chegar. Mas no chão em que ele pisa, sabe sempre o que arrancar"